

## **Pinóquio: nostalgia, infância e fascismo<sup>1</sup>**

Bruna Carolina Guzzo<sup>2</sup>

Éverly Pegoraro<sup>3</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Guarapuava, PR

### **RESUMO**

A história de *Pinóquio* discorre sobre temáticas relacionadas à infância, educação, representação e inserida em diferentes adaptações sobre crescimento pessoal, luto, fascismo. A mesma história contada em diferentes épocas e contextos, como na versão da Disney (1940), como na versão de Del Toro (2022), tem o intuito de mostrar que as representações são apresentadas nos mais variados tipos de mídia, moldando realidades, por meio de eventos, palavras, imagens, alegrias e dores. Esta pesquisa centra-se em representação, nostalgia e fascismo, como a história de *Pinóquio* difere em cada contexto e época, por meio da análise de diferentes versões, por meio da metodologia de análise de filme proposta por Penafria (2009).

**PALAVRAS-CHAVE:** Pinóquio; história; nostalgia; fascismo; comunicação.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho centra-se no diálogo de diferentes versões cinematográficas da história de Pinóquio, célebre personagem infantil, em perspectiva com a temática da nostalgia: “um anseio por um tempo diferente” (Boym. 2017. p. 154). Pinóquio é um personagem fictício conhecido pela literatura infanto-juvenil, seja pela história em quadrinhos (1881) ou pelo clássico da Disney (1940), as crianças imaginam o boneco de maneira, ganhando vida.

A história de Pinóquio foi publicada pela primeira vez em 1881 por Carlo Collodi, em um formato seriado de revista e, em 1883, ela foi representada numa das obras-primas da literatura, *As aventuras de Pinóquio* (1883). Essa produção foi adaptada e readaptada de diferentes formas, fomentando o imaginário infantil, encantando, ensinando ou aterrorizando crianças e adultos há muitos anos. A narrativa traz referências à transformação de um menino ingênuo e imaturo em um ser humano. Na obra de Carlo Collodi o principal foco era convencer as crianças a obedecer, mostrando que existem consequências e perigos, por exemplo, ao mentir, Pinóquio percebe seu nariz crescendo e quando é irresponsável acaba por se tornar um “burro”. É através das falhas que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT10SEU - Memórias e identidades nas audiovisualidades) evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UNICENTRO, pesquisa realizada pelo Programa de Iniciação Científica 2022-2023 PIBIC/FA, email: [bruna-guzzo@hotmail.com](mailto:bruna-guzzo@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo de UNICENTRO, email: [everlypegoraro@unicentro.br](mailto:everlypegoraro@unicentro.br)

percebemos como humanas em Pinóquio, que adultos e crianças se identificam com o personagem.

Em vista das mudanças do conceito infância na modernidade, contos de precaução, fábulas e histórias infantis têm, por esse motivo, uma função educativa. Mais do que isso, personagens como Pinóquio transmitem valores de interesse e preparam a criança para a vida em sociedade. Segundo Fernandes (1996), educar a infância passou a moralizá-la. Esse processo longo e dificultoso de comando para as crianças como vigilância, repreensão e punição seria a voz da própria sociedade.

Muitas dessas narrativas infantis de cunho educativo, moralista, de vigilância ou punitivo se transformam em produtos midiáticos. É o caso da história de Pinóquio, que já ganhou várias versões ao longo do tempo.

Silverstone (2002) diz que é necessário entender a complexidade da mídia, pois é algo que contribui para nossa capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar os seus significados. É nesta representação de uma história que foi publicada pela primeira vez em 1883, de Carlo Collodi que foi adaptada para vários meios midiáticos, que pautamos o objeto desta pesquisa.

Originalmente, a obra seguia o formato seriado em revista. A cada nova edição do *Giornale per i bambini*, um pedaço da história do protagonista. Embora tenha acabado prematuramente, com apenas oito episódios, quase quatro meses em tempo de publicação, Pinóquio retornou à revista por demanda popular. Dois anos depois, já em 1883, os capítulos foram compilados em forma de romance. A narrativa já contava com os elementos principais: um carpinteiro sem família, Geppetto, decide criar, com um tronco doado por um amigo, uma marionete na forma de um menino. De maneira inexplicável, a criança ganha vida e começa a se entender como o filho de Geppetto (Collodi, 1883).

A cada episódio, o protagonista é seduzido por algum aspecto da tolice do menino, ao ser advertido sobre os problemas da preguiça e do egoísmo pelo Grilo Falante, personagem que representa a própria consciência narradora da história. Pinóquio o mata com um martelo, desse ponto em diante, o menino de madeira vive pelo lazer, tomando a palavra de estranhos como verdade e mentindo, se lhe for benéfico. É graças ao valor moralista do livro que as aventuras de Pinóquio permanecem relevantes na atualidade, uma característica do surgimento do gênero literário infantil a partir de fundamentos iluministas. “Vista do ângulo histórico, a literatura destinada às crianças nasce, com

efeito, durante o século XIX, em paralelo ao surgimento de uma nova noção de infância, enfim percebida como um período distinto da idade adulta” (Netto, 2020). Nesse contexto, comunica-se com novos leitores e permite às futuras interpretações agregarem novos valores conforme o período histórico explorado.

Ao longo dos anos, a trama foi adaptada em vários formatos audiovisuais, como animações e longa-metragens. O personagem Pinóquio existe em uma esfera única da ficção, marcando gerações, desde a publicação do original no final do século XIX, cada uma com a própria versão e proposta. A história do boneco de madeira que sonha em ser um “menino de verdade” é parte do imaginário coletivo: seja como uma expressão para mentirosos, ou conto de fadas para advertir crianças sobre a irresponsabilidade.

A análise aqui proposta centra-se em duas adaptações: *Pinóquio* (1940), de Walt Disney Studios, e *Pinóquio* (2022), de Guillermo del Toro, 2022. Ambas foram recebidas positivamente pela crítica e pelo público de suas respectivas épocas. Mais importante, os filmes reforçam a relevância do personagem. A manutenção de Pinóquio como um signo é acompanhada da desconstrução da ideia da obra original, enquadrando valores e atitudes mais cruciais para cada contexto histórico e cultural. Assim, como argumentado acima, representações são propagadas pela mídia e ajudam a elaborar o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas, os comportamentos sociais (Kelnner, 2001).

## **DOIS DIFERENTES PINÓQUIOS EM ANÁLISE**

A primeira adaptação abordada nesta pesquisa pertence à Era de Ouro das Animações. Como um dos primeiros longa-metragens de animação, *Pinóquio* (1940) confirmou a fama do Walt Disney Studios, como uma gigante do entretenimento. O desenho segue de maneira mais próxima à narrativa original, adaptando muitas das cenas mais importantes do livro. Ele é direcionado a crianças, apresentando uma narrativa infantil. No entanto, em vista das mudanças de sensibilidade desde a publicação, elementos mais gráficos foram deixados de fora, por exemplo, após ser enganado pela Raposa e pelo Gato, antagonistas frequentes na narrativa, Pinóquio é enforcado e, mesmo não representando um perigo para o personagem, a imagem foi considerada gráfica demais.

A adaptação traz um boneco serelepe, que busca compreender o que é verdade ou mentira, criado para ser uma marionete por Geppetto, que não possui filhos e é artesão de

brinquedos infantis. Ele precisa provar-se obediente e leal com o seu pai, conforme sua consciência, o grilo, é necessário que o personagem aprenda o que é direito. Ainda, para se tornar um menino de verdade nessa narrativa, *Pinóquio* (1940) precisa provar que é valente, sincero e generoso, conforme a promessa que a fada faz a ele. O desejo do personagem vai além de uma lição de moral para as crianças, pois o boneco quer amadurecer, aprendendo que tudo tem consequências, através de suas escolhas.

Oitenta anos depois da versão da Disney, o cineasta mexicano Guillermo del Toro dirigiu a própria versão autoral do clássico. A história de Pinóquio sofreu várias alterações em comparação a obra original e também a adaptação da Disney. A mais significativa foi a escolha pelo cineasta de contextualizar a trama durante o regime fascista de Mussolini. Mesmo se tratando de uma representação do passado, as sátiras e críticas do filme miram a política contemporânea, em resposta à popularização da extrema-direita em lugares como Estados Unidos e Europa.

Embora o tema permaneça no desenvolvimento de Pinóquio, a nova obra recontextualiza a irresponsabilidade do personagem com questões de época. Ao invés de ser uma marionete em um espetáculo itinerante, como no original, o segundo ato tem o protagonista como um garoto propaganda de Mussolini.

A narrativa de Del Toro conversa com a experiência italiana da infância durante a Segunda Guerra, interrompida pela doutrinação. Próximo ao modelo da juventude hitlerista implementado pelo líder alemão, o partido fascista forçava religião, política e maneiras sociais ideológicas para assegurar a fidelidade das futuras gerações.

Ambos os filmes apresentam uma relação única com a nostalgia, pois segundo Boym (2017), esta parece ser a saudade de um lugar, mas na verdade é um anseio por um tempo diferente, o tempo da nossa infância, dos ritmos mais lentos de nossos sonhos. E a história de Pinóquio nos leva ao tempo da nossa infância, neste caso, aliado às duas obras cinematográficas cujas ressignificações do menino-boneco têm diferentes propostas de crítica.

A nostalgia nos filmes de Pinóquio pode ser vista como uma ressignificação que gira em torno histórias de infância, o clássico da Walt Disney nos traz memórias afetivas do passado. Já no filme de Del Toro, a proposta é a discussão de um tema que está na pauta pública.

Essa pesquisa tem por base o aprofundamento das temáticas da representação, da nostalgia e do fascismo, por meio da análise das diferentes versões de Pinóquio, em Walt Disney (1940) e na obra de Guillermo del Toro (2022). Para o desenvolvimento, foi utilizada a análise de filme proposta por Penafria (2009), para quem analisar um filme é sinônimo de decompor a obra em duas etapas: primeiro, decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos.

Neste resumo, apresenta-se a síntese interpretativa da análise. O primeiro filme analisado é a adaptação da Disney lançado em 1940, um desenho que conta com 1h30min de duração. Já o segundo é a adaptação em *stop motion* de Guillermo Del Toro (2022), com duração de 2h01min. Foram analisadas cenas dos dois filmes, que demonstram as distinções das narrativas e dos personagens. No desenho, a análise mostra a primeira interação de Geppetto com Pinóquio, quando este “ganha vida”. A sequência de cenas mostra Geppetto, que escuta um barulho enquanto está prestes a dormir e sai à procura do motivo. Encontra o boneco que havia esculpido no chão, porém leva um susto quando se dá conta de que ele está falando. O senhor fica assustado, mas quando entende que Pinóquio está “vivo”, uma alegria contagiante toma conta dele. “Um menino de verdade, meu desejo se realizou” (21’33” a 26’50”). Geppetto fica extremamente feliz e sai apresentando Pinóquio para os brinquedos e animais, dançando alegremente. Já sequência de cenas da adaptação de Guillermo Del Toro (2022), Geppetto havia construído Pinóquio em um devaneio de fúria, enquanto estava bêbado, assim adormeceu caído ao chão. Pinóquio, nesta versão, ganha vida através do espírito da floresta. Gepeto acorda desnortado, tenta continuar bebendo e percebe que o boneco não está na mesa, ouve barulhos e se assusta. Ele não fica feliz de imediato, e com um facão na mão, reluta, cai e quase se machuca. Nesta narrativa, Pinóquio não é tão “fofo” quanto na versão da Disney (1940). Geppetto esbraveja ao menino-boneco “você não é meu filho, qual o seu problema garoto?” (18’20” a 23’30”). Diferente da versão da Disney (1940), na qual Geppetto coloca Pinóquio para dormir junto com ele e já cita que ele irá à escola no dia seguinte para aprender. Na versão de Del Toro (2022), o senhor tranca o menino de madeira dentro de um armário e o manda ficar lá, enquanto vai para a igreja.

As duas obras levantadas possuem diferenças, mas pautando-se na infância e a sua representação, como o “menino” é representado, de um *Pinóquio* (1940) serelepe e

questionador como uma criança a um *Pinóquio* (2022) rebelde, que busca questionar comandos de disciplina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hall (2016) argumenta que as representações são apresentadas nos mais variados tipos de mídia, o tecido da vida cotidiana, filtrando e moldando realidades cotidianas. Para Silverstone (2002), se torna significativo dentro de alguma estrutura a experiência formada por atos e eventos, palavras e imagens, impressões, alegrias e dores. Por conta disso, cada obra analisada é importante porque representa as diferenças que nos mostram que cada contexto onde Pinóquio está inserido tem práticas e significados.

Ao examinar as sequências de cenas, compreende-se que o contexto que o personagem está inserido em cada narrativa é diferente. *Pinóquio* (1940) é destinado ao público infantil e precisa aprender como uma criança a diferença de certo e errado, destinado a educar, de forma a convencer as crianças a obedecer. *Pinóquio* (2022), além de passar a ideia de educar, é visto como uma forma de contar uma história de maneira diferente, trazendo abordagens como alcoolismo, a dor e o luto e, principalmente, os perigos do fascismo, em diferentes épocas e contextos.

## REFERÊNCIAS

- BOYM, Svetlana. **Mal-estar na nostalgia**. Historiogr. n.23, p153-165, Ouro Preto, 2017.
- FERNANDES, Heloisa Rodrigues. **Infância e Modernidade: Doença do Olhar**. São Paulo: USP, 1996.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2016.
- NETTO, Heloisa Sousa Pinto. **Literatura para infância e autoritarismo: Releituras facistas de Pinóquio**. Revista da Anpoll, v.51, n.3, p54-64, Florianópolis, Out/Dez, 2020.
- PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, 2009.
- PINÓQUIO (filme). Direção: Ben Sharpsteen, Hamilton Luske. Estados Unidos: Walt Disney, 1940.
- PINÓQUIO (filme). Direção: Guillermo del Toro, Mark Gustafson. Estados Unidos, México e França: Netflix. 2022.
- KELLNER, D. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. São Paulo: EDUSC, 2001.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.